

CULTURA, EDUCAÇÃO E LEITURA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO: CATEGORIAS FREIRIANAS QUE INVOCAM A METAMORFOSE SOCIAL

Fernanda Dias de Andrade Lima^{}, Denise Dias^{**}*

RESUMO

O artigo analisa como as categorias freirianas – cultura, educação e leitura – operam substratos para a invocação da metamorfose social. Essas são categorias presentes na abstração do sujeito que se concretizam por meio de sua práxis cotidiana. É uma investigação bibliográfica, de natureza qualitativa, cujo objetivo é contribuir para os debates teóricos sobre a percepção do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, e suas obras, que fundamentam a base teórica do estudo. O sistema educacional brasileiro, na atualidade, se estrutura numa lógica neoliberal e tecnicista, na qual os sujeitos educandos são tratados como mercadoria. Sendo assim, as práticas docentes são redimensionadas pelas reformas administrativas no campo educacional. Um exemplo dessa lógica é o Novo Ensino Médio, que promove a banalização de saberes históricos, filosóficos e sociológicos, substituindo essas epistemes por conteúdos de caráter pragmático e instrumental. Portanto, o combate a essa cultura educacional ofertada pelos grupos reacionários à grande massa popular, em Freire, torna-se fundamental para a metamorfose social.

Palavras-chave: cultura e conscientização; educação e emancipação; metamorfose social.

^{*} Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Goiano (IF Goiano). Docente nas redes Estadual e Municipal de Educação em Goiânia (GO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5150-1831>. Correio eletrônico: fernandadias693@gmail.com.

^{**} Doutora em Literatura e Práticas Sociais pelo Instituto Federal Goiano (IF Goiano). Docente no Instituto Federal Goiano de Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8508-1257>. Correio eletrônico: denise.dias@ifgoiano.edu.br.

***CULTURE, EDUCATION, AND READING FOR AWARENESS: FREIREAN
CATEGORIES THAT INVOKE SOCIAL TRANSFORMATION***

ABSTRACT

The article analyzes how Freirean categories – culture, education, and reading – function as foundations for invoking social metamorphosis. These categories, present in the abstraction of the subject, become concrete through their daily praxis. This is a bibliographic investigation of a qualitative nature, aimed at contributing to theoretical debates on the perception of Paulo Freire, patron of Brazilian education, and his works, which underpin the study's theoretical framework. Currently, the Brazilian educational system is structured around a neoliberal and technicist logic, in which learners are treated as commodities. As a result, teaching practices are reshaped by administrative reforms within the educational field. One example of this logic is the New Secondary Education model, which promotes the trivialization of historical, philosophical, and sociological knowledge, replacing these epistemes with content of a pragmatic and instrumental nature. Therefore, the resistance to this educational culture, promoted by reactionary groups to the popular masses, becomes fundamental to social transformation through Freire's lens.

Keywords: culture and awareness; education and emancipation; social transformation.

***CULTURA, EDUCACIÓN Y LECTURA PARA LA CONCIENTIZACIÓN:
CATEGORÍAS FREIRIANAS QUE INVOCAN LA METAMORFOSIS SOCIAL***

RESUMEN

El artículo analiza cómo las categorías freirianas – cultura, educación y lectura – operan como sustratos para la invocación de la metamorfosis social. Categorías presentes en la abstracción del sujeto que se concretizan a través de su praxis cotidiana. Se trata de una investigación bibliográfica de carácter cualitativo, cuyo objetivo es contribuir a los debates teóricos sobre la percepción del patrono de la educación brasileña, Paulo Freire, y sus obras, que fundamentan la base teórica del estudio. Actualmente, el sistema educativo brasileño se estructura bajo una lógica neoliberal y tecnicista, en la cual los sujetos educandos son tratados como mercancía.

Por esta razão, las prácticas docentes se redimensionan por medio de reformas administrativas en el ámbito educativo. Un ejemplo de esta lógica es el Nuevo Bachillerato, que promueve la banalización de saberes históricos, filosóficos y sociológicos, sustituyendo estas epistemes por contenidos de carácter pragmático e instrumental. Por lo tanto, el combate a esta cultura educativa ofrecida por los grupos reaccionarios a las grandes masas populares, en la visión de Freire, se vuelve fundamental para la metamorfosis social.

Palabras clave: cultura y concienciación; educación y emancipación; transformación social.

1 INTRODUÇÃO

“Para realizar a humanização que pressupõe a eliminação da opressão desumanizadora é absolutamente necessário ultrapassar as situações-limite, nas quais os homens são reduzidos ao estado de coisas” (Freire, 2016, p. 62).

A epígrafe inicial que abre a discussão teórica deste artigo é de alguém que, em toda a sua existência, vivenciou a educação popular como máxima de vida: Paulo Reglus Neves Freire, que nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco. O teórico procurou materializar, em sua práxis educativa, a formação humana como ato de conscientização e culturalização imbricada à prática de leitura como movimento recursivo para libertação do sujeito alienado e, por ora, é também alienador de outros sujeitos. O ato educativo em Freire engloba as categorias cultura, educação e leitura, que são o cerne desta discussão teórica.

É inegável que as sociedades, em sua estrutura e subestrutura, possuam caráter transitório, pois a natureza, assim como os homens, é inconclusa e inacabada na sua ontogênese. É sempre perceptível o embate entre a velha cultura e a cultura nova. Mas é justamente quando esses conflitos afloram na abstração das camadas populares que os grupos reacionários – minorias que detêm o poder da economia, da educação, da cultural, da política etc. – mais escancaram sua ideologia sectarista cujo intento é a não perda da hegemonia cultural ideologicamente repressora (Gramsci, 2022). Elementos que são perceptíveis no atual cenário político, econômico e educacional do país.

O antagonismo cultural entre o velho e o novo acarreta fissuras no sistema social, fazendo com que os movimentos sociais, que majoritariamente são compostos pela classe que vive da força do trabalho, o trabalhador, se enxerguem como sujeito dentro da própria

história. Nestes momentos de tomada da consciência é que se faz necessária a união dos intelectuais orgânicos (Gramsci, 2022), aqueles que possuem capacidade de mobilizar as massas populares, com a classe do proletariado, que vende sua força de trabalho para o capital (Marx, 2023), a própria massa popular, para que a verdadeira revolução social seja realizada na busca por uma sociedade mais equitativa.

Dessa forma, o artigo objetiva refletir sobre as categorias freirianas - cultura, educação e leitura - como substratos necessários para que se evoque a metamorfose social por meio do ato de conscientização, visto que, para Freire (2016, p. 55), “[...] a educação como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma abordagem crítica da realidade [...]”. Ou seja, apenas por este viés - no qual a educação está imbricada à práxis social – é possível conceber uma educação voltada à formação cultural ontológica do ser.

A teorização em voga analisa como os domínios teóricos freirianos – cultura, educação e leitura – são categorias, a priori presentes na abstração do sujeito, que se materializam quando da práxis cotidiana do indivíduo. Este é, pois, um estudo peculiarmente bibliográfico de abordagem qualitativa. Para Santos Filho e Gamboa (2007), o estudo qualitativo está preocupado em compreender e interpretar os fenômenos sociais. Sendo assim, as categorias analisadas nesta teorização são imbricadas à sociedade, portanto, jamais poderiam ser objetificadas e apreendidas sem a presença do humano que as materializa.

A seção inicial discute o conceito de cultura para além do compreendido pelo senso comum: o conjunto de tradição e manifestações artísticas. Cultura, aqui, é formação da ontogênese humana pertencente ao plano da abstração. Assim, “numa formação social determinada, a cultura legítima, isto é, a cultura dotada da legitimidade dominante, não é outra coisa que o arbitrário cultural dominante” (Bourdieu; Passeron, 2023, p. 46). Em oposição à assertiva dos teóricos e ao pensamento que combate a estereotipação de uma cultura dominante, é que se faz indispensável a criação de uma nova cultura, cuja finalidade seja metamorfose social para equidade dos sujeitos, o trabalhador.

Desse modo, é essencial a criação de uma sociedade local cuja massa de trabalhadores seja letrada culturalmente e se enxergue como produtora de cultura. Assumindo essa perspectiva, é observado que “[...] a identidade de cada sujeito lhe é dada a partir do lugar que ocupa na organização[...]” (Chauí, 2000, p. 50). Por isso, ocupando o papel de criador e criatura que também é consumidora de cultura, o homem ora é objeto, ora é sujeito, sendo que essa oscilação de papéis sociais proporciona a conscientização ao ser.

Se a cultura for elemento central da ontogênese humana, o processo educativo vem para corroborar a formação de sujeitos letrados cultural e socialmente, vez que não há construto social sem educação. Essa deve estar para além do capital, para a humanização (Mészáros, 2008), discussão que fundamenta a reflexão da segunda seção deste artigo.

Na terceira seção, é analisada a categoria freiriana – leitura – como o cume para a concretização da cultura, da educação e da conscientização, porque aquela dimensão metamorfoseia a abstração do sujeito que dela faz uso por meio do ato de ler. A partir desse enfoque, o humano é inserido na prática social, pois, “[...] desde o começo, na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas [...]” (Freire, 2012, p. 69). Melhor dizendo, a leitura torna-se processo recursivo entre o homem e o mundo.

Não existe cultura superior ou inferior, o que existe são processos reprodutores de padrões normativos comportamentais que são impostos ao imaginário popular, geralmente pela mídia, pelo estado e/ou pela igreja. Em razão disso, e contra quaisquer atos de alienação ideológica, discute-se a cultura como processo criador da consciência humana, tema que será dissertado na próxima seção.

5

2 FORMAÇÃO CULTURAL COMO PROCESSO NECESSÁRIO À CONSCIENTIZAÇÃO

Conceitua-se como cultura qualquer ato criativo humano que engloba elementos pertencentes à vivência da coletividade em sociedade (Freire, 2016, 2021, 2023). Essa categoria é essencial para a sociedade pós-moderna e, portanto, de difícil classificação, vez que não se admite mais o discurso de uma cultura única, de uma cultura superior de caracteres etnocêntrico, eurocêntrico e colonizador que vigorou por séculos. Atualmente, têm-se um multiculturalismo que emana do povo, com o povo e para o povo.

Presencia-se cultura no dogmatismo religioso, na arte, na política, na culinária, na linguagem, na educação, dentre outros; são fatores que implicam uma determinada ideologia e consecutivamente uma hegemonia (Gramsci, 2022). Por esse viés, é necessário pensar a categoria cultura como preeminência para a aquisição da ontogênese humana que fomenta o embrião para a transição de uma sociedade, cujos grupos reacionários detêm o poder do aparato educacional, para uma sociedade em que o próprio povo se autoeduque por meio da consciência crítica.

Logo, é inadiável a criação de uma sociedade local na qual os sujeitos letrados culturalmente se enxerguem como produtores de cultura. Ao assumir essa perspectiva, é observado que “[...] a identidade de cada sujeito lhe é dada a partir do lugar que ocupa na organização [...]” (Chauí, 2000, p. 50). Assim, ocupando o papel de criador e criatura que também é consumidor de cultura, o homem ora é objeto, ora é sujeito, sendo que essa oscilação de papéis sociais proporciona a conscientização do ser.

Mas, para a aquisição de uma nova consciência, é necessário ponderar práticas sociais de emancipação para além da contracultura imposta pelos grupos reacionários da elite – sistema que sempre tem alguém que domina e um outro alguém dominado – porque, caso adotássemos a última, estaríamos repetindo a prática do colonizador. Por isso, não importa um padrão cultural unívoco, mas sim criação e adoção de uma cultura em que a o humano se reconheça como o cerne de toda a formação social.

O humano não é um ser fechado em si mesmo por viver imerso num contexto singular, particular e universal (Freire, 2021; Marx, 2013). As categorias ofertadas pelos teóricos concedem a recursividade do abstrato para o concreto ou vice-versa. São esses aspectos que dão a dimensão social ao humano.

Na recursividade entre conceito e palavra advinda das mediações concretizadas pelas relações sociais, apreende-se a formação cultural. Em Freire (2016, p. 73), “o homem não somente é criador de cultura por suas relações e respostas aos desafios que a realidade apresenta, como também faz história, por meio dessas mesmas respostas e de suas relações [...]”. Têm-se cultura e história na perspectiva freiriana como componentes indissociáveis para a formação da consciência.

O construto teórico entende como conscientização a imbricação entre homem, natureza, cultura e sociedade como amálgama social. São essas unidades temáticas fazedoras da capacidade de criação do próprio sujeito que, imerso nesta ontologia, compreende a si, ao outro e ao mundo. Em vista disso, são elas totalmente as ampliadoras do movimento da leitura crítica, como apontado por Paulo Freire.

A interpelação da cultura por parte do indivíduo é o ato de ler o mundo. Não é mais a leitura do grafema. Quando se consegue penetrá-la e compreendê-la, a cultura, logo, a formação da consciência, também se inicia. Fenômeno esse que incomoda todos aqueles que vivem da exploração da não conscientização das classes minoritárias, dos seres sem cultura como são denominados pelos grupos reacionários. Assim, é na busca da formação social do humano consciente e da conscientização que consta o cerne para a metamorfose social.

Etimologicamente, a palavra metamorfose deriva do grego *metamórphosis*, *eos*, pelo latim *metamorphosis*, *is*, que significa *transformação*, de acordo com o Dicionário on-line de Língua Portuguesa. Porém, entendemos que, quando esse vocábulo estiver ligado à estrutura social e ao ser humano, várias semânticas se admitem e vão se assumindo conotações de natureza sociológica, filosófica e antropológica.

Por indicar mudança na estrutura da sociedade (caráter sociológico), alteração na forma de pensar (caráter filosófico) e mudança de paradigma (caráter antropológico), a palavra metamorfose engloba as partes principais que formam a conscientização do sujeito enquanto processo cultural. Por isso, em Marx e Engels (2019, p. 26), “desde o início, a consciência já é, portanto, um produto social e continuará a sê-lo enquanto existirem homens [...]”. Adotando a concepção dos teóricos, é urgente pensar a cultura como substrato para a humanização crítica da consciência: o verdadeiro sentido para a palavra metamorfose.

As mudanças ocorrem em sociedades transitórias, principalmente na brasileira, que possui características fechadas e, ao mesmo tempo, abertas. Em síntese, não há a possibilidade de quaisquer sociedades se manterem como eram ontem ou como estão hoje. O futuro é um fenômeno sempre imprevisível, uma vez que a temporalidade é característica de todo construto social. São tempos históricos distintos que também formam sujeitos atemporais que se adaptam ao *modus operandi* de sua época.

Para Bourdieu e Passeron (2023, p. 46), “numa formação social determinada, a cultura legítima, isto é, a cultura dotada da legitimidade dominante, não é outra coisa que o arbitrário cultural dominante [...]”. Porquanto, quando se almeja uma formação cultural em que o povo se reconhece como criador de cultura, a imposição cultural por parte dos grupos reacionários jamais se torna possível de vigorar.

O embate entre a velha e a nova cultura acarreta fissuras no sistema social, fazendo com que movimentos sociais, que, majoritariamente, são compostos pela classe que vive da força do trabalho, se enxerguem como sujeito da própria história. Assim, nos momentos de tomada da consciência dos povos minoritários, é que se faz necessária a união entre os intelectuais orgânicos (Gramsci, 2022), aqueles que conseguem mobilizar a grande massa popular (líderes religiosos, profissionais liberais, professores, sindicatos), com a classe do proletariado, que vende sua força de trabalho para o capital (Marx, 2023), para que a verdadeira revolução social seja realizada na busca por uma sociedade mais equitativa.

Na busca para que todos possuam os mesmos privilégios que a classe burguesa guarda, vigia e requer somente para si e para os descendentes, assume-se o pensamento de um sistema

educativo para a humanização porque, para Freire (2014, p. 104), “o mundo, agora, já não é algo que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens [...]”. Por consequência, somente através da educação para a libertação forma-se uma cultura nova, de homens construtores e formadores de homens, e de suas histórias e de sua cultura.

O desenvolvimento das faculdades cognitivas do homem pode ser semeado pela cultura. Logo, “[...] o ser humano, valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia [...]” (Gil, 2008, p. 20). A premissa do teórico atenua a observação de que somente quando o sujeito alcança suas potencialidades, por meio da abstração dos fenômenos, esse se autorreconhece.

Em Marx e Engels (2019, p. 48), “a existência de ideias revolucionárias em uma época determinada pressupõe já a existência de uma classe revolucionária [...]”. Se uma classe social for capaz de mobilizar uma sociedade por meio do plano abstracional, então uma cultura de sujeitos fazedores do próprio imaginário cultural também opera para a construção de uma nova totalidade social.

O ato de produzir ideias se transforma em ação e comunicação. Portanto, na dicotomia cultura velha e cultura nova, almejam-se processos educativos para uma nova sociedade em que todo cidadão detenha os mesmos direitos e deveres. Isso somente é possível num sistema político de caráter socialista. Desse modo, a educação também precisa operacionalizar socialmente, pois “[...] o significado real de educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente a altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação[...]” (Mészáros, 2008, p. 83). Como a categoria educação acompanha as mudanças temporais, ela jamais deve perder sua essência formativa e humanizadora.

3 EDUCAÇÃO PARA A HUMANIZAÇÃO

Em tempos de ascensão do falso nacionalismo incentivado pela cúpula da ultradireita, que semeia a divisão política e social por meio do derramamento de *fake news* nas plataformas midiáticas, uma educação que desvele a conscientização da grande massa popular brasileira requer caráter de urgência e emergência. Ou seja, é primordial que a educação seja realizada para, com e pelas massas com caráter de urgência, pois não se pode esperar que os grupos reacionários ofereçam aos filhos da classe proletária uma educação que os coloque em

condição de confrontar o próprio sistema de servidão voluntária (Antunes, 2020) existente na sociedade contemporânea.

Uma educação para a formação da consciência crítica precisa ser implantada no país com emergência, pois o sistema educativo público, atualmente, é aparelhado ideologicamente com as diretrizes estatais neoliberais que lançam todo o sistema educativo nacional na sala de “UTI”, cujo discurso de militarização da escola e do ensino público soa como cerne do patriotismo de muitos governadores e prefeitos.

Desse modo, os governantes da extrema-direita, em seus planos de governança, apontam as escolas cívico-militares como salvadoras da moral e dos bons costumes educativos, melhor dizendo, o padrão a ser seguido por todas as escolas públicas. Conquanto, é salutar uma educação que seja feita como prática de liberdade (Freire, 2023), que almeje desvelar ao povo que ele é criador e criatura. Somente inculcando-lhe essa condição ontológica, o homem pode despertar a sua ação cultural e identificar o falso patriotismo vigente nos discursos políticos da extrema-direita.

Tem-se uma juventude fragmentada e flexibilizada devido às novas relações educativas e trabalhistas que são características da sociedade pós-moderna. Assim, o sistema educacional brasileiro tem procurado adotar, em seus currículos, componentes curriculares com o mesmo caráter pragmático, tecnicista e fragmentado. Infelizmente, o paradigma do ensino por habilidades e competência é muito vigente na sociedade local.

A sociedade brasileira, por seu traço transitório e inconcluso, adota um ato educativo também instável, o que torna o processo revolucionário por meio da educação ainda mais difícil. Em oposição a isso, Freire (2023, p. 80) atenua que “[...] por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão de si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição[...]”. Somente nesse sistema educativo postulado pelo educador, poderíamos falar de uma educação para a liberdade e para a transgressão.

Zabala (1988, p. 28) alude que “educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas [...]”. Por essa ótica, quando os currículos que se apresentam cada vez mais fragmentados e tecnicistas pautados pela pedagogia da competência ofertam componentes curriculares isolados, esses acabam, também, colaborando para a formação unilateral dos sujeitos educandos.

Nesse sentido, Mészáros (2008) denuncia que a principal função dos sistemas educativos é vigiar e manter a ordem vigente. O engessamento dos currículos evidencia essa

prática. Melhor dizendo, a educação opera para manter a massa conformada de sua condição determinista de pobreza, de desprovidimento do capital cultural reservado à elite e sua prole.

Logo, é evidente que esse tipo de educação compartimentada em blocos disciplinares, oferecida às massas populares por aqueles que detêm o poder, tem caráter alienador e manipulador, haja vista que “a educação problematizadora não serve e não pode servir aos interesses do opressor [...]” (Freire, 2016, p. 153). Isso porque a educação que questiona e desvela a consciência do sujeito é aquela que ocasiona a derrocada de governantes que, visível ou invisivelmente em seus discursos e atos, são autoritários.

Os processos educativos precisam acompanhar as mudanças do mundo, entretanto, não podem ser absorvidos por práticas impositivas de alienação da consciência. Por isso, para que o sistema educativo opere contra práticas opressoras, “[...] é necessário que se tenha clareza sobre o papel da educação, considerando suas possibilidades e limitações [...]” (Moura, 2008, p. 28). Em outros dizeres, a educação não é a panaceia para todas as mazelas da sociedade, mas sem ela é impossível realizar a transposição para uma nova sociedade.

Na nova sociedade, todo cidadão detém os mesmos direitos e deveres, o que somente é possível em um sistema político de caráter socialista. Desse modo, a educação também precisa operacionalizar socialmente porque “[...] o significado real de educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente à altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação [...]” (Mészáros, 2008, p. 83). Como a categoria educação acompanha as mudanças temporais, ela jamais deve perder sua essência formativa e humanizadora.

Para Mészáros (2008), a educação socialista humanizadora só ocorre quando tiver objetivos pertinentes ao tempo histórico que vigora. E em período de expansão da educação neoliberalista como o atual, é urgente a formação de leitores conscientes e humanizados socialmente. A ausência da perspectiva anterior provoca, também, a inexistência de um sistema educativo emancipatório.

Sendo assim, é urgente que o sistema educativo, por meio da prática da leitura crítica, suscite em seus sujeitos educandos o sentimento de pertencimento, de esperança, de luta, de resistência, de resiliência, e tantos outros complementos para que a verdadeira travessia da velha para a nova cultura forme homens e mulheres humanizados. Mediante isso, a dimensão ontológica da leitura se mostra cada vez mais importante porque lutamos por uma educação para a libertação da consciência.

4 A DIMENSÃO ONTOLÓGICA DA LEITURA

O ato de ler está presente em todas as relações humanas. Leem-se propagandas, diálogos, sinais de trânsitos etc. Em atividades simples do dia a dia, como pegar um ônibus, até atividades mais complexas, como escrever um editorial para um veículo de comunicação, a leitura se faz presente. Contudo, a leitura mecanizada e condicionada, com fim em si mesma, não corresponde à categoria leitura crítica por ter caráter mais informativo e/ou didático.

Para Freire (2016, 2021, 2022, 2023), a leitura é categoria fundamental para a libertação e emancipação do sujeito. A discussão não gira em torno do ato de ler por codificação e memorização do grafema, mas sim envolta da leitura que emerge da conscientização do humano para a luta da relação de dominância que a sociedade capitalista impõe às classes minoritárias por meio do sistema educativo público nacional.

A categoria leitura é ligada à prática de conscientização do indivíduo, ou seja, ler para compreender o mundo e as relações sociais que só podem ocorrer mediatizadas por humanos. Em Freire (2012, p. 51), “[...] a leitura da palavra é uma forma de reescrever o mundo [...]”. Então, pelo viés do autor, a leitura é, antes de tudo, a construção de sentido da própria sociedade.

Ainda para Freire (2022, p. 80), “[...] a leitura crítica torna o leitor produtor de inteligência do texto [...]”. Ao produzir e ler textos, o sujeito constrói diversas semioses. Não se pode compreender uma sociedade cuja prática de leitura de seus cidadãos possua mero caráter informativo, vez que, quando se adota essa perspectiva, o sujeito não conseguirá elevar seus níveis de abstração, o que, conseqüentemente, compromete a formação crítica do sujeito leitor.

Ainda com o teórico anterior, “ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade, a forma crítica de ser ou estar sendo sujeito da curiosidade. [...] Ler é procurar ou buscar compreensão do que é lido [...]” (Freire 2022, p. 58). Na perspectiva do teórico, somente é possível a realização da prática da leitura crítica quando o sujeito se compreender como parte do processo do ato de ler, quando procurar conhecer e questionar o objeto lido, entendendo-o como parte da sociedade.

A leitura garante ao sujeito sua inserção na comunidade de falantes, enquanto “[...] aquele que não lê reproduz os seus conhecimentos pela voz do outro, de leitor [...]” (Dantas *et al.*, 2017, p. 60). Destarte, da prática de leitura simples à leitura complexa, tem-se o ato de ler

como garantia da sociabilidade. É pertinente que, através da leitura, o sujeito seja metamorfoseado em construtor de uma identidade particular, que singular, que seja universal, que seja criador e construtor de sua historicidade, uma vez que são elementos que requerem a condição do reconhecimento da importância da linguagem.

Segundo Freire (2022, p. 140), “[...] a linguagem que usamos para falar disto ou daquilo e a forma como testemunhamos se acham, porém, condicionadas pelas condições sociais, culturais e históricas, do contexto onde falamos e testemunhamos [...]”. Em suma, quando o indivíduo se comunica através do ato de ler por ser linguagem, essa leitura representa sua ideologia e sua percepção de mundo, sendo, pois, um ser letrado.

Para Soares (2010, p. 37), o sujeito letrado “[...] muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto [...]”. Em síntese, a concepção defendida pela teórica aponta a prática de letramento social oriunda da concepção da prática de leitura. O ato de ler é compreensão do mundo.

Freire (2014, p. 108) postula que “[...] existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo [...]”. Assim, a leitura crítica possibilita ao indivíduo existir e se comunicar com o mundo por meio do uso da força da palavra, e a utilizá-la como elo comunicativo para denunciar as forças opressoras, e também modificar as relações sociais existentes.

12

5 DIZERES ÚLTIMOS

A interpelação da cultura por parte do indivíduo é o ato de ler o mundo. Não é mais a leitura do grafema que importa, pois, quando se consegue penetrá-la e compreendê-la, a cultura, logo, a formação da consciência, também se inicia. Fenômeno esse que incomoda todos aqueles que vivem da exploração da não conscientização das classes minoritárias, dos seres sem cultura como são denominados pelos grupos reacionários. Contudo, é na busca de uma formação social do humano consciente e da conscientização que consta o cerne para a metamorfose social.

As mudanças ocorrem em sociedades transitórias, principalmente na brasileira, que possui características fechadas e, ao mesmo tempo, abertas. Em síntese, não há a possibilidade de a sociedade se manter como era ontem ou como está hoje. O futuro é sempre um fenômeno imprevisível, uma vez que a temporalidade é característica de todo construto social. São tempos históricos distintos que também formam sujeitos atemporais que se adaptam ao *modus operandi* de sua época.

Como necessidade do período pós-moderno, a categoria leitura crítica é ligada à prática de conscientização do indivíduo, ou seja, ler para compreender o mundo e as relações sociais que só podem ocorrer mediatizadas por humanos. Em Freire (2012, p. 51), “[...] a leitura da palavra é uma forma de reescrever o mundo [...]”. Então, pelo viés do autor, a leitura é, antes de tudo, a construção de sentido da própria sociedade. Portanto, é a porta de entrada para uma nova totalidade social.

Na nova sociedade, todo cidadão detém os mesmos direitos e deveres, e é consciente disso por meio da educação formal que também operacionaliza socialmente. Sendo assim, “[...] o significado real de educação, digno de seu preceito, é fazer os indivíduos viverem positivamente a altura dos desafios das condições sociais historicamente em transformação [...]” (Mészáros, 2008, p. 83). Com presteza, são estas transformações sociais as responsáveis por formar a zona abstracional do ser.

Como as categorias – cultura, educação e leitura – acompanham as mudanças temporais, elas jamais devem perder a essência formativa e humanizadora porque, como complementos sociais, asseguram a formação da consciência do indivíduo. Somente um sujeito consciente é capaz de lutar contra qualquer prática impositiva realizada pelos detentores do poder capitalista. Porquanto, todos que almejam uma sociedade equitativa devem se manter em estado de atenção a qualquer tentativa de mudança cultural por meio do sistema educativo.

13

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão; revisão de Pedro Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DANTAS, Maria Luiza; OLIVEIRA, Solange Alves de; SOUSA, Maria do Rosário de; LACERDA, Patrícia Tavares. Eu leio. Você lê? Desafios e possibilidades no trabalho com o letramento literário. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 19, n. 1, p. 59-75, 2017. DOI:

10.19180/1809-2667.v19n12017p59-75. Disponível em:
<https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/6953>. Acesso em: 13 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 52. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Tradução de Thiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais, o princípio educativo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. v. 2.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, RN, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2863/1004>. Acesso em: 3 jul. 2024.

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Letramentos**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em: 21 abr. 2026.

Aceito em: 23 jun. 2026.